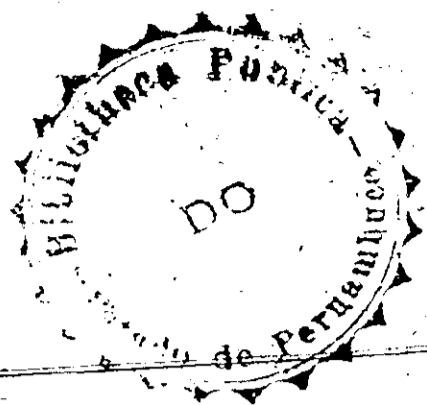


O PORVIR

15 DE OUTUBRO
DE 1883

Alto do Sr. Thomaz Ferreria
Recife



O PORVIR.

Periodico Literario e Noticioso.

*De Deus é maldição a ignorância,
Nas azas da instrução ao céu subime's
(Shakspeare.)*

Publica-se duas vezes por mez á razão de \$1.500 por trimestre. Pagamento adiantado.

Escritorio da redacção á rua da Mãe dos Homens n. 27 onde se trata de negocios relativos a esta folha. A redacção só é responsavel por seus escriptos.

O PORVIR

PARAHYBA, 15 DE OUTUBRO DE 1883.

Fatalidade e o genio.

(Continuação do n. 9)

Na Inglaterra não é menos assombroso o quadro que vimos de delinear na Italia.

Thomas Chatterton não tendo a coragem de encarar a desgraça, em sua acceção terrivel e hedionda, aos 17 annos pôe termo no suicidio a sua existencia miseravel.

Foi um destes genios peregrinos que tem merecido a veneração universal. Milton, o immortal cantor do Paraiso perdido, entre os rigores da pobreza, rompeu os densos véos da Eternidade.

Schubert legando no leito da morte a sua desolada familia os seus manuscritos: herança sublime e invejavel, de mais valor que os milhões dos sybaritas!

Bluter, Cowley e Driden, morrerão em miserissimo estado. Buchanan, bardo escossez, tal era o seu es-

FOLHETIM

(Continuação de n. 9)

Continua a crescer a dança e a animação á apparecer.

Didi dansava agora com um rapazinho que parecia pela primeira vez tomar parte n'aquelle divertimento; sendo meu amigo pediu-me anteriormente para dansar junto á mim; ao principio contrariou-me este pedido, mas já ultimamente me alegrava; era a terceira vez que Didi dansava perto á mim; bem contra sua vontade...

Assim passamos á noute em um constante contrariar.

Erão já 2 horas quando Didi, man-

tado de indigencia e pobreza que foi preciso ser sepultado á custa de alguns amigos!

A França offerce-nos o mesmo painel de sombrias e luctuosas cores. Sem investigarmos detida e minuciosamente a vida de seus poetas, basta citar o nome de Gilbert, que no grabato de um hospital, nas garras da insania, entõa aquella elegia sublime onde transpira o seu soffrer intimo; aivado de dores e agonias. Maffi-lâtre, Millevoye e A. Chenier que protestando contra os horrores do monstro revolucionario, no patibulo, no instrumento fatal de Guillotin, terminou sua vida gloriosa, e de tão futuros laureis. E' então que neste tragico momento elle batendo na frente exclama: *C'est dommage; il y avait á quelqus chose.* Na Hespanha um dos vultos mais proeminentes da litteratura. Lope de Vega, morreu, segundo um seu biographo « pobre, desconhecido, cheio de desgosto e necessidades. »

Em Portugal a primeira vista depara-se com o Homero Lusitano — Camões, o amante dedicado de Natércia, o soldado vate, o solitario da gruta de Macão, que lega aos

da convidar seu pai e Commendador *** que conversava commigo, mostrando-lhe o desejo de retirar-se; elles despedindo-se abandonarão a festa; imitei-os poucos momentos depois.

Chegando á casa procurei o leito como acareciador; encontrei-o tambem indisposto; uma insomia terrivel acabrunhava-me; a mente se me refervia, eu soffria e soffria muito.

Fiz voto de onde quer que fosse que encontrasse Didi reprehendel-a então.

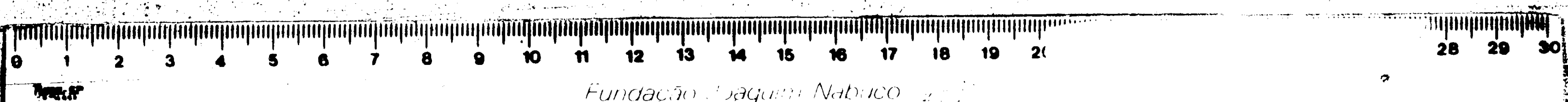
Assim passarão-se mezes, produzindo annos, e nunca nos encontramos; entretanto ancia immensa tinha em vel-a como sem duvida ella em nunca me ver. Correu assim algum

posterio e monumento mais grandioso da nação lusa; mas o principé dos poetas ibericos, o primeiro epico dos tempos modernos, que resume tolo orgulho e gloria de Portugal, morreu na mendicidade, morreu de fome!..

Bocage, o louro portuguez das tavernas licenciosas de Lisboa, os versos borbulhando á flux de mistava com a amarga ironia, despresado e ludibriado, chorando e cantando; ora ebrio deitado nas calçadas a dormir; ora procurando nas sensações brutaes dos alcouces como um *l'arterio* a sua desgraça, é a imagem serenuina do mais elevado gráo de *mit forte* abandono a que pode chegar uma *depois* que, se seus compatriotas negro marroquino, minimo auxilio, a mais tenue *de aprego*, Deos, no entanto, deira-lhe o cunho da única e verdadeira nobresa!

Ultimamente Soares de Passos na flor dos annos tranpoz os umbrais da eternidade, que na opinião do Sr. A. Herculano era o primeiro poeta contemporaneo. — Findando não devemos deixar de pairar nossas vistas sobre nossa patria o colosso da America meridional, que a despeito

tempo, e pelo facto da descoberta, encontramos-nos já depois de uns trez annos, em um templo em que casualmente entrei onde se celebravão os actos quaresmaes. O templo regorgitava de penitentes; ali me achando, procurei encaminhar meus olhares procurando como que descobrir um quer que fosse q' me interessava quando inesperadamente senti que vis á vis a mim achava-se um anjinho de primores; fitei-a e reconheci ser Didi; oh! já então me era impossivel retirar d'ahi; e procurando acompanhar todos os seus movimentos verifiquei que seus olhos se dirijião para o lugar onde eu me achava, e que elles tinham um innexplicavel não sei o que, que deixava-me ler



de não occupar lugar saliente e conspícuo na esplendida republica das luzes; não deixa porem a invejar o quanto tem-se passado de cruentamente horrivel na perca daquelles que talvez um dia defraldassem não o estandarte negro do velho Titan do Rheno nagre, toda torre seu burg—, mas o glorioso e irriante estandarte que proclamasse a supremacia de nossa vitalidade intellectual.

Quem é que não conhece o infortunio de Gonzaga, do inditoso amante de Marlia? Gonzaga era português, porem dedicou-se frisantemente pelo Brasil que de então colonia, e por elle expiou n'uma masmorra nas terras safaras e adustas d'África; aquelle, portanto, que em vez de banhar-se nas aguas lustrais da liberdade tão sonhada, e tão chimérica, foi encontrar a morte nos presidios insalubres de Angola; odio e maldicção de seus irmãos; mas a benção e votos dos que vivião sob o mesmo jugo tyrano, só mereço ser brasileiro, como forão Alvarenga e Claudio, tão desgraçados como elle.

Após este deslumbramento de poesia e graça, doçura e melodia, como diz o Sr. Ferdinand Denis, no caliginoso berço de Marilia, pouco impulso ou incremento tomou a poesia nacional.

Dr. Bitú com seu improviso e a redacção do «Porvir»

Vem, oh flusimento de sciencias engarradas, mostrar nos a tua competencia; vem, não temas; vem cheio de orgulho, confundir nos com

—amor.— Minha alma julgou-se feliz, meu coração saltou de praser, e me julgando ditoso começava a arrepender-me do modo não delicado porque me havia portado, embora seu procedimento muito mais merecesse; n'ás então asseveraria que outrora eu fóra o culpado em não a comprehender.

Assim pensava eu, quando mais uma vez enganei-me; e então já asseverava que aquella mulher era a estampa de todas as mais. Era em alguém; o filho d'este homem exquisito com que dansara de preferencia a mim, que achava-se em igual posição que eu, era incontestavelmente o ponto de seus ternos olhares, o que vim a reconhecer momen-

teu juridico juizo; vem que encantrarás em nós moços desejosos de sciencia, moços amigos das letras, dos costumes moraes, da religião, da liberdade, filhos portanto de santos principios. Vem; o que farias que a tanto tempo não apparecias? Vem; nós carecemos de progresso, necessitamos da critica; com a qual muito nos adiantaremos; mas vem com a critica bem fundada, fundada nos principios sãos; que assim será uma arte, mas não com a que lavraste na tua estúpida poesia, que intitulas de Improviso, talvez sem duvida, o teu unico escripto, que te deveria ter prolixião grandes noites de insomnia, como vilmenta confessas no teu ultimo verso. Vem com uma tirnagem franca; filio dos homens sensatos e dos que tem etuacção; vem, abandona o teu cognome, que como o teu caracter, deve ter diversas mutanças; não recuses; vem, mas vem, ainda uma vez, com a linguagem da verdade.

Da teu escripto celemos a critica, porque tolo elle é a critica da critica do vicio; é fructo de tua perversa e mentisosa inole.

—amora.— Ao homem que costuma Terir as occultas, na honra, e na vida dos cidadãos, a justiça costuma punir; mas ella só pune quando é concedora do criminoso; portanto assignai teu nome sem rebuços, sem receios; oh alma fementida; vem, não recuses; a ti está lançada a luva da disputa; aceita-a, convicto de que se o não fizeres caberá a nós a gloria, e a ti a cobardia; surge, ente miseravel, mas

tes depois pelo modo brusco e grosso seiro com que tentava tomar-me a frente, monologando palavras que revelavão seus costumes; até que reprehendendo-lhe pelo lugar em que se achava, tomamo-nos de satisfação. Ah! então comprehendí qual a causa da preferencia, então comprehendí d'onde provinha o esquecimento á nossos passados e o que proporcionava tal indifferentismo; era ella uma coquette de força, d'estas que hoje sobejão.

O desprezo que votava-me era fructos de uma nova conquista que melhormente lhe converia; ella filha da epocha, abraçava seus exemplos.

Eu havia convencido commi-

surge como os homens de bem costumão faser. Ao cão latador, se a tira o desprezo, e a ti o atiraremos se não te assignares.

Bem sabes, quem quer que sejas, que ás almas vis se não responde; e embora tivesses procurado o orgão official para assim atirares com peça de maior calibre, to-lavia nós não abandonaremos nossas columnas e nelas nos defenderemos sem essas maneiras bruscas com que sabes tratar.

— Não é como resposta a essas palavras, que fizeste ler-se no «Liberal Parahybano» que traçamos estas linhas, que tem só e só o intuito de convidar-te a assignares e assignar por extenso o teu verdadeiro e legitimo nome, sem o que não nos habiteremos, porque bem pode ser que tua personalidade não nos mereça attenção; assigna te, pois, bestunto anonymo, que sygnonimo és de Bitú, e apparece; certo de que emquanto o não fizeres serás tido e havido por nós como um grande beocio.

Abandonai o ridiculo, so proprio de moleques, e vem pelos meios legaes confundir-nos.

Os teus insultos. Tos devolve-mos intactos, que te acobertarão melhor.

Vem tenta-lra serpente; pouso de impudicas, cora-ão corrupto; e mais uma vez te dizemos: vem, vem com teus ascos de infamia e intriga, não abandones a peleja; sob pena de te acobertares com o manto infamante, (que embora te não invergonhe pelo uso continuo, que sempre

go proprio uma forma de vingança, que seria eu o vencedor; procurei pois d'esde então practical-a, usando da arma necessaria para a victoria; abandonei-a pois, e o meu desprezo rigoroso deveria vence-la.

A intriga não tardou a apparecer e sempre duplicadamente augmentava.

O tempo que tudo gasta unio-nos um dia e torna-mo-nos a fallar.

Eu nutria um desejo de vingança e não cogitei portanto todos os laços de amizade para saciar-me; porem fragil, como os homens, sahi victima mais uma vez, presa indefeza. O amor tinha me envenenado.

(Continúa)

delle fazes, to-lavia: publicote apressará,) da cobardia e baixeza.

Versos ao dr. Bitú

Como vais, doutor Bitú?
Como passa a senhoria?
Diga dr. por quem é,
Que cousa é bruxaria?!
O dr. em seu lamento
Saudou cabeças de vento
Porque miolos não tem,
E provou não ter miolo,
E ser o dr. um tôlo
Fazendo a brôa tambem.

Diga o dr. com que fim,
Cingindo de negra a tanga,
Repetio pela imprensa,
O que faz lá na quitanda?
Não é com as quitadeiras,
Com as prêtas feiteceiras,
Que o dr. faz bruxaria?
Meo dr., quem vende brôas
Nas ruas cantando lóas
Não censura poesia!

Nas ruas desta cidade
E' de facto e bem notorio
A falta de ronda armada
De chicote e palmatoria,
Para que os quitandeiros
Não deixem seus taboleiros;
E invadindo a imprensa
Não escrevão p'ra jornaes
Grosseiros versos brutaeas.
Fazendo ao decôro offensa.

Li, algures, que um macaco
Disse uma vez á cotia
Estando juncto ao caminho
Que o rabo não possuia;
Camarada, o carro além
Canta perto, e elle vem
Cortar-te o rabo de certo;
E quando o conselho dava
Por jntto o carro passava
E o rabo corta ao esperto.

Este facto que eu li,
Sem o suppor verdadeiro,
E' uma realidade
Contra o nosso brôaleiro;
E de facto o pobre bixo
Entendendo ser rabixo
Deixou o cauda na rua;
E o moço fino rouquenho
Pega a cauda com empenho:
Ei-lo gemendo na pua.

Quem lhe disse, meo dr.,
Que você era poeta?
Foi alguém comprando brôa?!
Você é grande pateta!
Foi talvez, prêta amestrada,
Quitadeira jubilada.
Quem disse por brincadeira:
E' livre a imprensa, dr.,
Vá se faser de escriptor
Diga, embora muita asneira?

Essas prêtas quitadeiras
São crueis, sem caridade,
Aos proprios membros da classe
Não guardão a lealdade.
Foi assim que o meo bitú
Fez um dia em seo lundú
Um prêto convencido,
Que o bôbo tinha direito
P'ra poeta tinha geito
P'ra gaito é presumido.

Meo, dr., não caias n'outra:
Ao escreveres versalhada,
Seja correctea a linguagem
E toda metrificada.
Teos versos, tem uns compridos,
Outros curtos, resumidos;
E, Jesus a concordancia!
Tem erros de tal quilate,
Que vos deffine um basbaque
De supina ignorancia.

Quiseste, faser censura
Aos moços que faser versos
E na vossa poesia
Cometteste erros diversos.
Em versos côxos, manêtos
E as phrases absolêtas
Contra Camões, e Castilho,
Mostrastes que ignoraes
A lingua de nossos paes,
Que és louco, és peralinho.

Agora meo quitandeiro
Devo te dar um conselho;
Estuda bem as lições,
Não mette em tudo o bêdelho;
Não faça versos a tôa
Se limite a faser brôa
E mecher só seo angú;
Se telma em ser escriptor,
Não assigne mais—dr.—
Somente assigne—Bitú—

Lundú

Lá vem minha gente
O doutor Bitú,
Saltando contente,
Cantando lundú;
Lá vem, vem dançando
Seo maracatú.

Tras um taboleiro
O doutor Bitú;
E' bom quitandeiro.
Que canta lundú,
Vendendo na praça
A brôa, o angú.

Rapazas oucamos
O doutor Bitú,
Marchemos corramos,
Ao maracatú;
Corramos, há brôas
No fim do lundú.

TRANSCRIPÇÃO

Para matar o tempo

Da cachola de um paciente amador das lettras sahiu o que segue, que vale a pena prestar-se attenção:

Porque tu foges de mim,
Meu anjo, meu seraphim?
Não me desprezes assim;
Meu martyrio acaba emfim.

Viverás como em jardim
Só de rosas e jasmim,
Sem canteiros de capim,
Em um céu côr de carmim.
Em vez de cassa e morim,
Sedas e fitas, e setim

Por forro em vez de metim.
Em troca desse botim
De grosseiro marroquim,
De velludo borzeguim,
Ricos chales de Touquim;
Pentes d'ouro, não marfim;

De damasco o camarim,
Sanefas com bandolim;
A' sesta um brando coxim
De esmeralda e de rubim;
Ouro e brilhantes sem fim;
Irás a todo o festim,
No theatro do Quartim,
E ao rink de patim.

Em meu peito tens fortim,
Seras o meu alfinim
Eu serei teu manequim.
Mas se embalde eu aqui vim
Lá do meu Mogy-mirim,
Si, como diz o annexim,

tu perdi o meu latim,
Vou montar n'um touro chim,
Andar em pé, sem sellim:
Vou fazer-me volantim,
Nas ruas, de tamborim,
Saltar ao som do fim-fim,
Ganhar de ser dansarim,
Actor, plebêo, rei delfim;

Vou figurar de arlequim,
Ou de tanger bandolim,
Praça assentar de Clarim,
Are aprender de estopim,
Are aprender de estopim,

Crear pinto cochinchim ;
 Vou ser de jumento affim,
 Me alimentar só de aipim,
 Passoca d'amendoim,
 Por variar de gengilim,
 Nunca mais comer podim,
 Vestir só roupa de brim,
 Habitar algum cupim,
 Tornar-me côr de alecrim.
 Vou beber no botequim,
 Pôr pendente de um talim,
 Bem aguçado espadim,
 Me fazer espadachim,
 Estrondar como flautim,
 Levantar grande motim,
 Ser preso por beleguim.
 Que em tudo ser maisim,
 Ser preto como nankim,
 Homem sem bofe, sem rim,
 Ficar peor que Caim,
 Ir parar n'um Synhedrim,
 Embarcar n'um bregantim,
 Dar c'o côstado em Pekim,
 Fazer Pratos de kaulim,
 Servir algum mandarim,
 Chegar ao mundo ao confim,
 Ir caminho de Berlim,
 Me afogar no rio Im,
 E que eu acabei affim
 Te dirá um boletim,
 Tudo tim-tim por tim-tim,
 Ou não me chama Martim.
 Que dizes, meu anjo, sim?
 . Paulo julho, 1880.

APEDIDO

A vida passa

*Tout fuit,
Tout passe.*

V. H.

A vida passa com o trinar dos passaros
Por entre os galhos da laranjeira em
flor ;

A vida passa com o ciclar das brisas
Murmurando ao lyrio uma canção d'
amor

A vida passa com o scisnar das auras
Ao pé da virgem que scisna tambem ;
A vida passa com o rumor dos ventos
Nas vergas tristes do navio além..

A vida passa com o gemer da rola
Em arrulos brandos procurando o aman-

A vida passa com os sorrisos tredos
Das moças loucas a namorar um ins-

A vida passa com a lua languida
Pelo infinito expargindo amor ;

A vida passa com a estrella errante
Em amoroso enleio, segredando a flor

A vida passa com o estudante estroina
Flautejando moças co' poetar de arom-

A vida passa com o aspecto lugubre
No fim do anno de uma terrivel bomba.

A vida passa com o modular tristonho
Do louco bardo em um céu de dôr :
Pedindo a lyra—inspiração divina,
Pedindo a virgem—um beijo d'amor.

Martyrio

*«Nada do que nos faz feliz é illuzão»
(Goethe.)*

A LINA

Vêr-te tão bella suspirando amores,
Passar nas salas me atirando flores,
Na polka delirante ;
Vêr-te tão perto e não poder tocar-te...
Ouvir-te a yóz e não poder fallar-te...
Um só instante !

Ver-te tão bella, e não poder, se quer,
Teu lindo corpo comprimir, —mulher,
Na walsa divinal...
Ver-te sorrindo e não poder sorrir-me,
Ver teu olhar o coração ferir-me,
Visão celestial !

Ver-te nos olhos a expressão d'amôres,
Sentir teu seio a exhalar odores.
Flor angelical !
N'uma só hora, oh! mulher querida,
Grande tormenta supportei na vida,
Martyrio sem igual !...

Arêa 2 de setembro de 1883.

R. Mello.

A elle

Poeta não vês o mar como é grande ?
Como chorão suas vagas no granito?
Assim, meu vate, como o mar eu tambem choro
Meu santo amor, tão puro, e infinito.

Moço tu não vês que eu soffro o calo ?
Quo no meu peito se encerra a desventura ?
Quando em ti a grinalda de louro te circunda
Para mim da gloria empartilha a sepultura !...

Caminha, vate, com tua fronte altaneira,
Contemplando o porvir tão cheio de belleza;
Esquecendo a infeliz que soffre e soffre muito
E só tem por arrimo, o amor, a natureza.

Adeus, oh ! chara patria, adeus / adeus !
Adeus oh ! miua mãe, oh ! meu irmão,
Adeus a ti meu vate: oh ! não maldigas
Quem não teve pr'a dar-te um coração.

Como muitas.

Certa moça respondia
Ao irmão, que lhe exprobava
Que abandonasse o namôro,
Que aquillo feio-lhe estava :

Tu só olhas para mim,
E quando deixas de jogar?
Ora *sebedo* ! lhe diz elle,
Se deixares de amolar.

Pois bem ! attende o que digo,
Diz a moça com cynismo :
Não posso salvar-te, mano,
Deste terrivel abysmo.

Martyrio

Amor ! Foi a palavra de meus labios,
Nos resabios do praser que ja gozei...
Esta palavra me formou tão doce hymno
Que nemino q' era então, não olvidei!..

Esperança ! Vinde deusa sublimada,
Inspirada me levar a seu jardim,
Em colher flores a formar outra capella.
Sim p'ra ella... só quisera ser meu fim

Desengano ! Eis o verdugo de meu fado
Que desgraçado in'esturgiu no coração !
Foi o mel que libei d'esta eicula
Cruenta luta que apagou minha rasão.

Saudade ! tende dó d'este meu peito
Vede seu leito está pintado d'amargu-

Meu coração está de dores trespassado,
E arrêmeçado lá no mar das desventu-

Membranças ! não te doe meu pensa-

Em que momento deixarás de me pun-

O meu craneo de pensar já está can-

E tresloucado ha de viver para sentir.

Remorsos ! não-te basta a consciencia?
Pois a demencia ha tambem de casti-

Nem um sonho n'este bosque d'espes-

Que de doçuras venha logo acalentar-

J. Eudoxio.